

LEITURA

Quatro paredes ou jaula?

SÍLVIA LAPORTE

Desde os tempos da revolução sexual dos anos 60, vira-e-mexe surgem especialistas decretando a falência da instituição do casamento, mas a vontade de encontrar a cara-metade e de assumir com aquela pessoa o compromisso de construir uma vida juntos continua muito viva. Mas, proclamada a famosa expressão 'até que a morte os separe', a tendência é que o relacionamento entre numa outra fase, na qual a paixão e o desejo pelo parceiro vão, aos poucos, abrindo espaço para o companheirismo e a intimidade. O risco que se corre, a partir daí, é que o tesão vá se apagando até que o casal se transforme em 'amigos quase-irmãos'.

Os consultórios de sexólogos estão cheios de gente que tenta entender por que não consegue se realizar sexualmente numa relação estável, mesmo quando o afeto e o amor marcam presença. No livro *Sexo no cativeiro - driblando as armadilhas do casamento*, a terapeuta familiar belga Esther Perel, radicada nos Estados Unidos, aborda o assunto de forma pouco ortodoxa, provocando o leitor a repensar seus conceitos sobre a tradução que o tal do 'felizes para sempre' recebe entre quatro paredes, no mundo real.

O poema do escritor modernista inglês D. H. Lawrence (1885-1930), no qual o título do livro foi inspirado, *Wild things in captivity (Coisas selvagens em cativeiro)*, transcrito e traduzido nas primeiras páginas, sintetiza bem o espírito da obra: "Um ser silvestre em cativeiro, embora mantenha a pureza selvagem, não procria, definhava morre. Os homens estão todos no cativeiro/tocando a lida da vida/ e os bons

não procriam, /mas não sabem por quê./A grande jaula de nossa domesticidade/mata o sexo no homem, a simplicidade/do desejo é distorcida, desvirtuada./Assim, com amarga perversidade,/nervosos com a adversidade,/os jovens copulam, acham ruim e querem chorar./ Sexo é um estado de graça./Não pode ocorrer na jaula./Então quebre a jaula e comece a tentar."

ESFERAS DISTINTAS A partir da sua experiência como terapeuta de casais e, também, com base na sua vivência pessoal – ela é casada e tem dois filhos –, Esther chegou à conclusão de que, ao contrário do que se costuma pensar, nem sempre é trabalhando a dinâmica do relacionamento

O LIVRO



■ SEXO NO CATIVEIRO
ESTHER PEREL

■ Tradução

de Adalgisa Campos da Silveira
Editora Objetiva, 243
páginas, R\$ 34,90

que se chega ao sexo. "Na minha área, ensinam-nos primeiro a indagar sobre o estado da união e depois perguntar como isso se manifesta na cama. Por essa ótica, o relacionamento sexual é uma metáfora da relação como um todo", explica. "A suposição subjacente é que, se pudermos melhorar a relação, o sexo também melhorará. Mas, pelo que vejo, nem sempre é assim."

O que acontece é que amor e sexo pertencem a esferas diferentes. Se para o amor crescer e se manter é necessária uma "atmosfera de proximidade, aconchego e igualdade", o sexo exige pre-condições bem distintas: "O erotismo exige distância". E mais: tem a ver com emoções e sentimentos primitivos, no sentido de menos racionais – ou até pouco civilizados. "Gostaria de sugerir que talvez tivéssemos uma vida sexual mais excitante, alegre, até frívola se fôssemos menos tolhidos por nossa inclinação cultural para a democracia na cama." Ou seja: menos 'educação' e mais espontaneidade parece ser um bom conselho, pois o sexo de qualidade pode ser muitas coisas – agressivo, competitivo, romântico, rápido, demorado –, mas nunca previsível.

É claro que algo tão complexo quanto esse não pode ser assim tão simplificado. A autora explora, no livro, muitas outras vertentes do assunto. Através de casos clínicos reais, ela mostra que, como ocorre com tudo que tem a ver com sentimentos, cada situação é peculiar. O mais importante, porém, é que, corajosamente, fugindo ao que o bom-tom e o 'politicamente correto' preconizam, o que Esther faz com seu texto claro, bem-humorado e prazeroso de ler é dar uma sacudida no leitor e abrir seus olhos para o fato de que, entre quatro paredes, as regras são outras.